

MARIA MAGDALENA: A MULHER QUE AMOU O AMOR

MARY MAGDALENE: THE WOMAN WHO LOVED THE LOVE

Salma Ferraz

Doutora em Letras pela Universidade do Estado de São Paulo (UNESP)

Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Linha de pesquisa: Teopoética – os estudos comparados entre Teologia e Literatura

salmaferraz@brturbo.com.br

RESUMO

O presente artigo pretende analisar, sob a perspectiva dos estudos teopoéticos, o conto Amor ao Amor, incluído no livro *Perfume de Eternidade – Contos sobre Cristo* do autor catarinense Julio de Queiroz sob a perspectiva das relações de gênero e religião.

Palavras - chave: Teologia e Literatura, Madalena, Julio de Queirós.

ABSTRACT

The intention of the present article is to analyze, from the perspective of theopoetic studies, the story entitled *Perfume de Eternidade – Contos sobre Cristo* (Perfume of Eternity – Tales about Christ) by the Santa Catarina writer Julio de Queiroz, under the perspective of gender relations and religion.

Key words: Theology and Literature. Mary Magdalene. Julio de Queirós.

Nunca se falou tanto em Maria Madalena como agora. Tudo isto se deve ao polêmico best seller de Dan Brown, *O código da Vinci* lançado em 2003 - posteriormente adaptado para o cinema e lançado em 2006 - com uma das maiores bilheterias dos últimos anos. Aliás, a própria polêmica não se justifica, uma vez que na contra capa do livro, consta a classificação “romance”, ou seja, não é um livro de Teologia e sim ficção, portanto qualquer debate sobre verdades & mentiras no *Código da Vinci* é uma grande bobagem. Neste best-seller que vendeu 60 milhões de exemplares, o escritor constrói um enredo no qual mistura

suspense com tintas de romance policial, acrescenta pitadas de um belo conto de fadas e possui ingredientes arthurianos como príncipe, princesa, fuga, sangue real, conspiração, protetores da linguagem sagrada, cálice sagrado, etc. O autor americano invade as alcovas da Galiléia, retrata Madalena como esposa de Jesus e revela que o verdadeiro Graal não é o cálice perdido no qual Ele teria bebido sua última ceia e que daria a imortalidade para quem o encontrasse, mas sim a descendência real de Jesus e Madalena. Cabe ressaltar que todas as lendas do Graal pertencem ao campo da literatura e nos Evangelhos não há menção sobre cálice sagrado. Os primeiros escritos sobre a lenda do Santo Graal surgiram por volta do século XII, quando o poeta francês Chrétien de Troyes publicou o chamado Romance de Persival, mais conhecido como Conto do Graal. No mesmo ano em que foi lançado o romance de Brow, foram lançados, concomitantemente, mais de 20 livros batendo/criticando/elogiando O Código da Vinci.

Ocorre que muitos outros escritores antes de Dan Brow já haviam elegido a personagem bíblica Madalena para heroína e protagonista de seus romances. Cite-se aqui primeiramente O Evangelho Segundo Jesus Cristo, (1992) de José Saramago, cuja publicação ocorreu onze anos antes do Código da Vinci (2003). Neste romance, o nobel de Literatura Portuguesa concebe um novo perfil à Madalena. Também houve em Portugal muita polêmica em torno do lançamento do livro de Saramago, já que no enredo, entre outras chamadas heresias, o autor português retrata Jesus e Madalena como amantes. No romance de Saramago, Madalena é a discípula amada que intervém no sagrado, impedindo, inclusive, a ressurreição de Lázaro.

Não poderíamos deixar de citar aqui o excelente conto da escritora, poeta e romancista belga/francesa Marguerite Yourcenar – “Maria, Madalena ou a Salvação”, publicado em Paris em 1936 no livro intitulado Fogos. Neste conto a escritora explora de forma magnífica uma outra lenda do cristianismo: o casamento de Madalena como o discípulo amado João. Sobre este tópico solicitamos consultar o artigo “Maria Madalena” por Marguerite Yourcenar de nossa autoria publicado nos **Anais do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas/ II Simpósio de Teopoética**.

Madalena, uma das mulheres mais enigmáticas e injustiçadas do Novo Testamento, é uma protagonista excelente para um bom escritor que queira uma boa história. Cito alguns livros (ficção e crítica) a título de exemplo e para consulta do leitor: L’amor de Madeleine de Rainer Maria Rilke; O Outro Pedro e a outra Madalena segundo os Apócrifos de Jacinto de Freitas Faria; Maria Madalena – a mulher que amou Jesus de Margaret George; O romance

de Maria Madalena – uma mulher incomparável de Jean-Yves Leloup; Evangelhos Gnósticos de Márcia Maia; O Enigma Maria Madalena de Messadié, Arqueologia de Madalena de Fernanda Moro; María Magdalena - La diosa prohibida del Cristianismo de Lynn Picknett; Maria Madalena – de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida de Lilia Sebastiani; Maria Madalena e o Santo Graal de Margaret Starbird; Apócrifos – Os Proscritos da Bíblia de Maria Helena de O. Tricca, O legado de Madalena: Conspiração da Linhagem de Jesus e Maria – Revelações sobre o Código da Vinci de Laurence Gardner, etc.

Infelizmente não podemos aqui escrever sobre a complexa trajetória desta intrigante mulher que é citada 17 vezes nos Evangelhos, porque isto demandaria muito tempo e espaço, já que teríamos que passar pelos Evangelhos Canônicos, Evangelhos Apócrifos e Gnósticos, lendas medievais, erros exegéticos, pinturas, teses e mais teses. No Curso de Pós Graduação em Literatura da UFSC ministramos regularmente a disciplina **“Maria Madalena: O trânsito/migração do texto bíblico para o texto ficcional”**. **A ementa desta disciplina está à disposição dos interessados, na Secretaria da Pós Graduação e em Literatura (PPEL da UFSC) contém ampla bibliografia.**

No Brasil, Julio de Queiroz tem produzido na última década uma obra fecunda que dialoga constantemente com a Bíblia. Com formação em Teologia, pertencente à Congregação Beneditina do Brasil, graduado em Filosofia, pesquisador de fenomenologia da mística, mística medieval alemã, estudioso de tanatologia, é Membro da Academia Catarinense de Letras, da Academia Sul-Brasileira de Letras e da Academia Catarinense de Filosofia. Autor de mais de 15 livros, entre contos, romance e poesia, suas obras têm como característica principal o intertexto fecundo com o texto bíblico. Citamos aqui alguns de seus contos mais conhecidos e, logicamente, os de nossa preferência: “Fulgor da Noite” do livro Encontros de Abismos publicado em 2002, no qual recria magnificamente a vida de Lázaro após a sua ressurreição: uma verdadeira maldição já que passa a viver como um morto-vivo que não encontra mais lugar no mundo dos vivos nem dos mortos; 2) do livro Deuses e Santos como nós, publicado em 2000, destacamos dois belos contos: “O irmão Mais Velho” e “O Punhal”¹. No primeiro conto, o escritor concede voz ao irmão mais velho da Parábola do Filho Pródigo relatada nos Evangelhos, para que ele demonstre toda a sua dor e sua revolta pela predileção do Pai pelo filho mais jovem. No segundo conto, “O Punhal”, a saga de Abraão e seu filho Isaac é relida e, novamente, o punhal é levantado contra o peito do próprio filho, só que neste conto o Pai é apunhalado metaforicamente. Sem falar na sua magnífica

recriação de Judas no conto “O Acordo” no livro ainda inédito Perfume de Eternidade, que daria um outro artigo.

Dentro desta obra em diálogo constante com a Bíblia, não poderia faltar a recriação de Maria Madalena. Queiroz em livro intitulado Perfume de Eternidade, escreve o conto “Amor ao Amor” e nomeia Madalena de Miriam. O livro Perfume de Eternidade ainda é inédito e todos os negritos são de nossa autoria. Antes de adentrarmos na análise de sua versão para Madalena já ficamos em dúvida sobre qual dos dois títulos seria o mais apropriado para este conto. Na realidade o conto (que dá título ao livro) Perfume de Eternidade nomeia outro conto que não é sobre a discípula amada, mas, como ela ungiu o corpo de Jesus para o sepultamento, este título também seria adequado. Antes da análise, salta aos nossos olhos a poesia da escrita de Júlio de Queiroz: “Perfume de Eternidade”, “Amor ao Amor”.

Queiroz concede à Madalena/Miriam duas grandes oportunidades: 1) ser a protagonista e 2) narrar em primeira pessoa sua própria e futura saga. O autor opta pela mulher comum que vivia na Galiléia daquele período. Sua Madalena não é prostituta, nem amante de Jesus como a Madalena de Saramago, nem tão pouco a suposta mulher que teria carregado a semente de Jesus - o Cálice Sagrado/ Graal como retratou Dan Brow em seu best-seller. A Madalena de Queiroz está inserida numa cultura judaica que é extremamente machista. Ela é solteira, tem pai (Haim) e mãe, duas irmãs (Raquel e Rute) e outros irmãos, e não é uma mulher tímida. Ela se mostra inteirada da condição social terrível das mulheres do seu tempo:

Foi por isto que meu pai não conseguiu que o contratador de casamentos pudesse encontrar um marido para mim. Na idade em que todas as moças estavam casadas e com filhos, ainda não tinha aparecido um homem corajoso bastante para me levar para sua casa, para que eu passasse a fazer sua comida, lavar sua roupa, ser sua serva e à noite, mesmo moída com tantos trabalhos, servi-lo com meu corpo quando ele bem quisesse. É claro que desde menina me foi ensinado por minha mãe e pelo sacrifício de todas as mulheres de minha cidade, os quais eu acompanhava horrorizada, que este era o destino sem desvios de toda mulher. Só que desde menina eu me rebelava contra essa tirania.

Madalena, mulher comum se horrorizava com o destino das pobres mulheres de seu tempo e reconhece que o tratamento dado a elas era uma verdadeira tirania. Ela se assusta ao observar as mulheres sendo espancadas naturalmente pelos seus maridos, acompanhados de xingamentos e maldições e depois terem que usar véu como sua vizinha Shulemit, para encobrir o rosto machucado. Esta sua percepção nos recorda a sabedoria da Madalena

saramaguiana que afirma a Jesus “Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus” (ESJC, p. 309). A Madalena de Queiroz é solteira e parece que solteira permanecerá já que para casar-se com ela era necessário um homem de muita coragem, ela nunca aceitaria ser dominada e em voz alta gritava sua revolta. Sua mãe, alienada, discriminava suas posições e dizia para ela que seu problema era ter muita imaginação. Parece que o machismo neste conto também é uma posição feminina. Madalena continua seu relato explicando que queimar a comida era motivo para surras e até para divórcios. Impressiona-se como marido de sua vizinha que após surrá-la vem conversar com seu pai, como se nada tivesse acontecido: “... como se Schlomo bar Ver tivesse apenas chutado sua cabra ou espancado seu asno. Mulheres não entram nas contas da minha gente.” Eis aqui a definição e o resumo da situação das mulheres dentro do judaísmo: eram consideradas na mesma condição de uma cabra ou um asno.

Além de surradas, e sem o direito de usar a imaginação, as mulheres deveriam permanecer em silêncio. Ela, com cinco anos, vai ao Templo com suas irmãs e seus irmãos. Fica impressionada ao ver que os homens têm um lugar privilegiado no Templo para realizarem suas orações, enquanto as mulheres permanecem afastadas e separadas deles. A menina, com sua ingenuidade infantil, pede para acompanhar seu Pai, porém, sua mãe, mergulhada na cultura androcêntrica e fruto desta, responde:

– Cala-te Miriam. – repreendeu-me minha mãe. – Só homens podem ficar lá em baixo. Cala-te e escuta os homens orarem e lerem os rolos da Lei. Nós, mulheres, nunca podemos tocar os rolos da Lei. Só escutá-la! Sempre houve alguém para me lembrar que, nós mulheres, só devemos escutar, jamais falar. De preferência, de cabeça baixa, os olhos virados para o chão.

Além de apanharem e não poderem exercitar o cérebro, de permanecerem separadas no Templo, as mulheres judaicas não podiam sequer tocar os rolos da Lei, não podiam estudar, não podiam falar, somente escutar e como o trecho destacado acima, de preferência de cabeça baixa, olhos virados para o chão, lembrando sua condição inferior. Escondida, ela decora a benção matinal que seu pai ensinara a Saul seu irmão mais novo. Orgulhosa por saber a benção de cor, ela foi recitá-la à sua mãe e esta:

Calou-me com uma bofetada e a ordem para que nunca repetisse aquela mitsvah, pois aquela benção só poderia ser recitada por homens. E então ensinou-me a benção que as mulheres devem recitar tão logo acordam. É uma mitsvah que quase pede desculpas por ter nascido!

E assim Madalena/Miriam cresce, sujeitando-se aos ditames da Lei, seguindo-os, mas em seu coração permanecia a revolta e a certeza de que seguia uma Lei injusta. Madalena era inteligente e inconformada e, por isto mesmo, taxada em sua cidadezinha como indócil e inútil, portanto, não talhada para o casamento. Aliás, surgia entre suas vizinhas o boato de que ela havia sido “concebida erradamente e que por isto era possuída por sete demônios.” Usava o véu que cobria seus cabelos e tinha a certeza de que era amaldiçoada por não se casar nem gerar filhos: “morreria sem marido e sem filhos, para não ser escrita no livro da vida nem na lembrança de seus descendentes”.

Num dia qualquer, num começo de tarde, Madalena vê um ajuntamento de pessoas, alguns discípulos, um homem pregando, e ele não pregava sobre a Lei, não falava coisas vãs e naquele momento contava a “Parábola da dracma perdida”, que incluía uma mulher em seus afazeres domésticos que havia perdido sua moeda: “Por que o reino do céu é como uma mulher que perdeu uma moeda... Em verdade lhes digo: que o Reino do céu é construído com o que estava perdido e foi achado e é alegria e amor.” Este homem falava bem das mulheres, vivia rodeado de mulheres e comparava o reino dos céus como a alegria de uma mulher que achou sua moeda perdida. Pela primeira vez em sua vida, sentiu orgulho de ser mulher, alguém finalmente exaltava o seu sexo. Os olhos de Jesus percorreram cada ouvinte e posaram “como pombas mansas” em Madalena. Ela pergunta sobre aquele estranho homem. Uma mulher responde que se trata de um andarilho, um maguid, o qual era seguido por muitas mulheres. A interlocutora informa que estas mulheres que o seguiam “devem ter sido amaldiçoadas e, certamente, seus pais já rezaram o kadish por elas.” Kadisch era a oração judaica por quem já morreu. Segunda esta mulher: “a mulher que segue um homem que não é seu parente ou marido é maldita. É melhor que esteja morta. Por isto se reza o kadish por ela”.

Madalena continua a fitar o homem que fala de amor e este olhos a chamavam. Procura saber como comiam, como vivem seus seguidores. Ao ver homens e mulheres reunidos perguntou se dormiam juntos. A resposta dada por uma mulher que seguia Jesus foi “– No reino do céu, não há machos nem fêmeas. Há irmãos. Ninguém é dono nem escravo. Depois que seu amor nos revestiu somos castos. Castos e iguais”. Aqui fica patente a importância de Jesus como uma espécie de precursor do movimento feminista; para ele, Deus não escolhia o sexo, mas escolhia pessoas. Ela se impressiona e sente que o olhar do mestre a procura, a chama:

Nisto, seu olhar tornou a fixar-se em mim. Aquele olhar falou-me do amor que não conhece orações diferentes para homens e mulheres. (...) Mais que tudo, discursou ternamente sobre o mundo que seu amor abriria para as mulheres, para as escravas, para as humilhadas e as ofendidas.

Três vezes o mestre a olha, três vezes no silêncio do seu olhar, ele a chama. Madalena tem uma visão horrível de tudo que lhe reservava o futuro se ela decidisse seguir aqueles olhos amorosos e neste ponto o conto atinge o seu clímax, demonstrando o domínio absoluto do autor sobre seu relato que em forma de uma magnífica prolepse¹, apresenta esta visão apocalíptica:

Num relance, vi tudo o que eu ainda sofreria por aquele amor. Inquietações, temores, e, sobretudo, calúnias. Eu o vi esbofeteado, chicoteado, e, por fim, crucificado a pedido de sua gente.

Eu me vi com sua mãe, amparando-a na dor. Presenciei-me quando o tiraram da cruz aviltante e o levaram morto. Com sua mãe e outras daquelas mulheres, vi, olhos esbugalhados pelo terror, quando o levaram e o depuseram numa gruta. Vi quando, um dia depois, algumas daquelas mulheres e eu iríamos levar perfumes para untar seu corpo e chorar a morte de seu reino mal-nascido.

Vi quando, tremendo e temerosas, – somos mulheres, afinal – encontramos seu túmulo vazio. Vi quando elas, apavoradas, correram para levar aos outros, amedrontados e escondidos, a notícia do desaparecimento de seu corpo. Vi-me quando ao defrontar com jardineiro soluçei:

– Imploro-lhe que me diga para onde levaram seu corpo?

Vi-me quando sua voz me sussurrou:

– Miriam!

Vi-me enlouquecida de alegria avançar para beijar suas mãos furadas pelos cravos. Vi quando, afastando-se um só passo, advertiu-me:

– Não me toques. Vai e diz aos outros.

Vi-me assistir sua ressurreição. Vi-o elevar-se ao céu. Vi uma nuvem o cobrir e nos impedir de continuar a enviar-lhe nosso amor e nossa lealdade.

Que magnífica síntese dos quatro Evangelhos Bíblicos. Mas em Queiroz nem tudo que parece ser, é. Os detalhes que ele acrescenta ao seu texto modificam quase tudo dos Evangelhos. Queiroz provoca o seu leitor, seus contos estão despidos de qualquer excesso. Como bom ficcionista, sabe usar seu talento para provocar, espantar e desacomodar o leitor, afinal é esta a função primordial do escritor. Não é só Madalena/Miriam que é outra neste

¹ Conforme Gérard Genette em *Discurso da Narrativa*, p.38, prolepse é "toda a manobra narrativa que consiste em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior..." O itálico é de Nietzsche que usa a palavra grega *dysangelium*, que significa desgraçada notícia. E para esta Madalena a notícia da morte de Jesus é uma desgraçada notícia.

conto. Aqui temos um novo (des)evangelho. Primeiro a narrador afirma que não foram os romanos que condenaram e crucificam Jesus, pelo contrário Ele é condenado pela sua própria gente. Em segundo lugar temos o destacado papel de Madalena amparando a própria mãe de Jesus. Em terceiro lugar, é patente o desespero desta inconformada mulher, cujos olhos estão esbugalhados pelo terror.

O quarto detalhe da narrativa acima é surpreendente. Como duas palavras, a narradora altera o texto primeiro com o qual dialoga. Para esta narradora o reino de Deus é um reino mal-nascido. Isto nos reporta a Nietzsche que em *O Anticristo* afirma:

A palavra 'cristão' é já um equívoco: no fundo só existiu um cristão e esse morreu na cruz. O Evangelho 'morreu na cruz'. O que desde então se chamou 'Evangelho' era já o contrário do que o Cristo havia vivido; uma 'má mensagem' um *dysangelium*. (p, 57, itálico de Nietzsche)

O quinto detalhe que chama a atenção do leitor ruminante é que esta Madalena não beija os pés de Jesus como relatado em Mateus 28:1- 9. Esta Madalena beija, enlouquecida de alegria, as mãos perfuradas pelos cravos. A mulher agora não está mais prostrada aos pés do homem Jesus, mas na mesma altura que Ele. Esta mulher lhe oferece não só seu amor, mas sua lealdade. A visão de Madalena continua. Agora ela vê, em estado místico, o que o futuro reservaria para o seu nome:

Vi depois, no decorrer dos séculos, as mentiras e as calúnias com que cercariam sua lembrança e meu fraco amor – todo o que lhe podia dar – em troca dos oceanos de amor com que ele me lavava e sustentava. Vi quando me acusaram de ter sido prostituta. Outros, de ter sido sua concubina. Os mais bondosos, ou menos sutis, de termos sido marido e mulher, com filhos clandestinos.

Num tempo subjetivo e particular, Madalena pressente as injúrias que seu nome sofreria nos séculos vindouros: prostituta, adúltera, esposa, mulher, mãe dos filhos de Jesus. E qual atitude que ela deveria tomar diante da certeza de tanta tragédia, tanto calúnia e ingratidão? Recuar? Voltar para sua cidade pequena e esquecer o terrível futuro que se apresentou diante de si como no filme? A narradora e protagonista responde que seguirá aquelas mulheres, que seguirá Jesus.

Como definir Madalena, como resumir esta intrigante mulher? É Fernanda Moro que, em sua obra *Arqueologia de Madalena*, afirma que “pensar em Madalena é pensar no amor. No amor integral, integrado, construtivo, absorvente.” (p, 13, negrito nosso). Se pudéssemos resumir a trajetória da mulher mais enigmática do Novo Testamento, resumiríamos desta forma: Madalena foi a mulher que amou Jesus. Ela amou o AMOR e é

esta a mensagem central do conto de Queiroz. Pensar em Madalena é sentir o perfume da eternidade. Perfume que exala dos pergaminhos de Julio de Queiroz.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. (trad.). Ed. revista e corrigida. *A Bíblia Sagrada – Bíblia de Estudos Almeida*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, s/d.

BOGADO, Anna Patrícia Chagas Bogado. *Maria Madalena – O Feminino na Luz e na Sombra*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BROWN, Dann. *O Código Da Vinci*. Trad. Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FARIA, Jacinto de Freitas. *O Outro Pedro e a outra Madalena segundo os Apócrifos - Uma Leitura de Gênero*. Petrópolis; Vozes: 2004.

FERRAZ, Salma. *As Faces de Deus na obra de um Ateu – José Saramago*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2003.

FERRAZ, Salma. *Maria Madalena por Marguerite Yourcenar*. In: Anais do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas/ II Simpósio de Teopoética, 23 a 26 de Abril de 2006, em Dourados, UFGD, UFMS.

GARDNER, Laurence. *O legado de Madalena: Conspiração da Linhagem de Jesus e Maria – Revelações sobre o Código da Vinci*. Trad. Elaine Alves Trindade. São Paulo: Madras, 2005.

GEORGE, Margaret. *Maria Madalena – a mulher que amou Jesus*. Trad. Jô Amado. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

GÖSMANN, Elisabeth et all. *Dicionário de Teologia Feminista*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1997.

HAAG, Michael & HAAG, Verônica. *O Código da Vinci – História – personagens e lugares*. São Paulo: Publifolha, 2004

LEMINSKI, Paulo. *Jesus a.C.* São Paulo: Brasiliense, 2003.

LELOUPS, Jean-Yves. *O Evangelho de Maria-Míriam de Mágdala*. Petrópolis: Vozes, 2005.

LELOUP, Jean-Yves. *O romance de Maria Madalena – uma mulher incomparável*. Trad. Martha Gouveia da Cruz. Campinas: Verus, 2004.

MAIA, Márcia. *Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Mercury, 1992.

- MARTINS, Lucia. *Madalena lavaram pecado em conventos*. São Paulo: Folha de São Paulo, 29 de dezembro de 1996. (Caderno Folha Mundo)
- MESSADIÉ. *O Enigma Maria Madalena*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MORO, Fernanda De Camargo. *Arqueologia de Madalena*. Rio de Janeiro; Record, 2005.
- NIETZSCHE. *O Anticristo*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.
- PICKNETT, Lynn. *María Magdalena - La diosa prohibida del Cristianismo*. Madrid: Océano, 2005
- RILKE, Rainer Maria. *L' amor de Madeleine*. Trad. Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2000.
- QUEIROZ, Júlio de. *Deuses e santos como nós*. Florianópolis: Insular, 2000.
- QUEIROZ, Júlio de. *Encontros de Abismos*. Florianópolis; Insular, 2002.
- QUEIROZ, Júlio de. *Perfume de Eternidade*. (inédito)
- ROBINSON, James M. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. Trad. Teodoro Laurent. São Paulo: Madras, 2006.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 5a reimpressão. (no corpo deste artigo utilizamos apenas a abreviatura ESJC).
- SEBASTIANI, Lilia. *Maria Madalena – de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida*. Trad. Antonio Angonese. Petrópolis: Vozes, 1995.
- STARDIRB, Margaret. *Maria Madalena e o Santo Graal*. Trad. Simona Reiser. Rio de Janeiro: Sextante, 2004
- TRICA, Maria Helena de Oliveira. *Apócrifos – Os Proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercúrio, 1992.